

DEI REI A ÍCONE: UM ESTUDO SOBRE A IMAGEM DE RICARDO I E SUA TRANSFORMAÇÃO EM ÍCONE CULTURAL INSULAR (1820 – 1860)

MAURICIO DA CUNHA ALBUQUERQUE¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – mauricioalbuquerq@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Entre as décadas finais do século XVIII e a Primeira Guerra Mundial, as nações que compunham o reino da Grã-Bretanha assistiram a um forte crescimento no interesse pela temática medieval. Do romance gótico às novelas de Walter Scott e os poemas de Alfred Tennyson, passando pela pintura histórica, a estatúária e outras linguagens da cultura literária e visual, o passado medieval se tornou parte integrante da cultura e sociedade britânicas. O *Medieval Revival* foi um movimento que se desenvolveu de maneira gradativa, e contribuiu para que certos temas do medievo sobrevivessem na cultura e imaginação popular até os dias de hoje. É o caso das histórias do Rei Arthur e seus cavaleiros, de Robin Hood e seus *Merry Men*, das teorias acerca do feudalismo, das narrativas sobre cruzadas, de épicos como *Beowulf*, dos vikings, das tramas do amor cortês, entre outros tópicos que foram constantemente revisitados pela literatura, arte e historiografia do oitocentos.

Neste sentido, destaca-se um personagem em particular cuja história foi lida e relida à exaustão nesse contexto. Trata-se de Ricardo I, mais conhecido pela alcunha de Ricardo Coração de Leão. Com base nas triagens que realizamos entre os anos de 2018 (data em que foi construído o projeto de Tese) e o presente momento, destacamos 103 (cento e três) artefatos culturais-historiográficos (de biografias, poemas, óperas, peças de teatro, até pinturas, ilustrações, charges de jornal, miniaturas e peças de uso cotidiano) que tratam do personagem¹, produzidas entre os anos de 1780 e 1901.

Chama nossa atenção também o fato de que a maior parte dessas obras foi produzida em um recorte cronológico específico: o espaço compreendido entre as décadas de 1820 e 1860. Estatisticamente, este período comporta 66,99% (no caso, 69 das 103 obras compiladas) das produções que identificamos em nossa pesquisa inicial, mais da metade do total de obras compiladas.

A partir disso, e com base também na variedade de suportes, narrativas e situações em que Coração de Leão é representado, salientamos a hipótese de que tenha existido neste período uma espécie de “Ricardomania”, uma estranha fixação pela figura de Ricardo I, manifesta, principalmente, nos campos artístico, da literatura, poesia e da cultural visual. Não se trata de um fenômeno de todo inovador. Durante o século XIX a Grã-Bretanha foi palco de inúmeras formas de culto, e até de fetiche, pelo passado pré-moderno. A Egíptomania é um exemplo pertinente deste fenômeno. No que concerne ao medievo, podemos mencionar a atração coletiva pelo ciclo arturiano, denominado por Inga Bryden como *Arthurmania* (1996, p. 149), e o culto à figura do rei Alfredo O Grande, chamado por

¹ Alguns bancos de dados e imagens foram fundamentais para tornar esta empreitada possível. Destacamos aqui os acervos digitalizados da *British Library*, do *British Museum*, do *Crusades Project*, do *The Robin Hood Project* (os dois últimos organizados pela *Robins Library*, da Universidade de Rochester [Nova Iorque]), além, obviamente, das ferramentas já “tradicionais” do(a)s historiador(a)s da era digital, como o *Google Books* e o *Internet Archive*.

Joanne Parker de *Alfredianism* (2007). Logo, esta “Ricardomania” seria apenas uma dentro das várias excentricidades vitorianas em que o passado (preferencialmente nacional) figura como objeto de significativa obsessão popular.

Para este trabalho em particular, nos ateremos às representações visuais de Ricardo no intuito de analisar o processo de iconização do personagem, no sentido da criação de uma estética característica de sua imagem oitocentista.

2. METODOLOGIA

O trabalho proposto se alinha a duas áreas do conhecimento que fornecem o instrumental teórico e metodológico para nossa empreitada. A primeira é a dos *Studies in Medievalism* – nome que designa a corrente anglo-americana de estudos sobre a recepção do medievo – e a segunda é a dos estudos da Cultura Visual. Utilizamos, então, as noções de medievalismo (WORKMAN apud MATHEW, 2015, p. 7), imaginário cultural (DAWSON, 1994, p. 48) e das discussões realizadas por Keyan G. Tomasseli e David Scott sobre como indivíduos (assim como objetos, lugares, acontecimentos históricos, etc) se tornam ícones culturais (TOMASELLI; SCOTT, 2009, p. 21 – 23). Quanto à metodologia empregada, nos baseamos na arqueologia da imagem proposta por Cibebe Aldrovandi (2009, p. 43).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Tomaselli e Scott, podemos dizer que algo se torna um ícone cultural quando um objeto: 1) é possuidor de várias camadas de sentido e conotação – mesmo que contraditórias; 2) é capaz de sobreviver na cultura, apesar de várias mudanças históricas; 3) possui múltiplas funções representativas – sendo fixo, ou “rígido” em certo sentido, ao mesmo tempo em que é “maleável” para se adaptar a diferentes usos; 4) adquire um status exemplar, expressando valores, ou conjuntos de valores de uma sociedade; 5) atrai intensa midiatização, permitindo estar presente em suportes diversos; e 6) exerce uma certa sedução, possuindo forte apelo popular (o que pode ser no sentido religioso, político, social, moral, sexual, enfim) (TOMASELLI; SCOTT, 2009, p. 21 – 23).

Dado a quantidade e diversidade das representações de Ricardo I no oitocentos, nos parece razoável a afirmação de que o personagem pode ser considerado, sem grandes ressalvas, como um ícone cultural no contexto insular (particularmente inglês) do oitocentos. Por questões de tempo e momento, seria difícil demonstrar como Ricardo I cumpre com estes seis quesitos no período concernente a esta pesquisa. Por isso escolhemos focar em uma questão fundamental para qualquer ícone cultural: a criação de uma estética “canônica”.

A construção e reiteração de um padrão imagético próprio é um elemento fundamental no processo de iconização. Segundo Erica van Boven e Marieke Winkler, um ícone cultural deve possuir duas coisas principais: 1) fama; e 2) deve ser ampla e facilmente reconhecível para uma determinada comunidade (2021, p.16). É necessário que ele possua uma forma (relativamente) fixa, ainda que não seja imutável, pois isso propiciará sua difusão e melhor assimilação.

No caso das imagens oitocentistas de Ricardo I, é perceptível que um padrão imagético se impõe ante todos os outros, constituído pela combinação dos signos: coroa, cota de malha, armas (em geral espada ou machado e escudo) e a túnica branca com a cruz vermelha de São Jorge – comumente tida como a bandeira nacional da Inglaterra. Este padrão estético, ainda hoje bastante difundido nas

representações do personagem, não condiz muito com as imagens que temos dele na Idade Média. Em iluminuras, efígies e demais expressões visuais do medievo, o rei pode ser visto com trajes reais ou com armadura, geralmente de uma época posterior ao período em que viveu, quando a imagem em questão é produzida nos séculos XIII ou XIV, por exemplo².

Devemos salientar também que do medievo até o século XIX ocorreu um intenso processo de anglicização da figura de Ricardo I – soberano que, como era comum entre os reis que governaram a Inglaterra durante a Idade Média Central, viveu quase que toda a sua vida na atual França, tendo passado (especula-se) cerca de seis anos em seus domínios insulares. Um dos efeitos desta anglicização foi a produção de um mito historiográfico de que Coração de Leão é quem teria estabelecido o culto a São Jorge na Inglaterra, sendo também um pré-fundador da Ordem da Jarreteira.

Entre mitos e lendas, desde associações com o rei Arthur até a participação nas histórias do famoso ladrão Robin Hood, um elo mítico entre o Ricardo I e a Inglaterra foi construído com o passar dos séculos. E neste sentido, não surpreende que muitas representações dele produzidas durante o oitocentos, período de grande fervor nacionalista e formação dos estados nacionais modernos, optem por fazê-lo tendo em mente esta associação patriótica³.

Chama atenção também o fato de artistas não britânicos nunca o representaram dentro do padrão supracitado, ao menos durante o oitocentos. Se compararmos as pinturas de Abraham Cooper (1832)⁴ e Philip James Loutherbourg (1807)⁵, que tratam de um mesmo episódio lendário – no caso, a luta entre Ricardo I e seu “rival” Saladino – fica nítido a preferência do primeiro (nativo britânico) pela versão anglicizada do monarca, que é retratado com a combinação que destacamos acima, enquanto o segundo pintor (nascido francês) escolhe outra modelagem para o soberano, com armadura e elmo plumado.

É de se notar também que se trata de uma representação bastante versátil. Na pintura *Robin Hood and his Merry Men Entertaining Richard the Lionheart in Sherwood Forest* (1839)⁶, Daniel Maclise recria a cena da festa na floresta, um tema comum das histórias de Robin Hood, em que o ladrão e seu bando comemoram a chegada de Ricardo I à Inglaterra. A paramentação do rei é exatamente aquela que destacamos, porém o soberano não está em combate, mas sim confraternizando com seus súditos.

Destacamos também a diversidade de usos desta imagem, que é reiterada em suportes bastante diferentes, como charges, ilustrações de livros e periódicos, vitrais de igreja e até em fantasias feitas para bailes temáticos, eventos comuns da elite vitoriana.

² A única fonte medieval que aponta que Ricardo I teria utilizado a bandeira de São Jorge em sua indumentária durante o medievo é o romance *Coer de Lyon*. O episódio acontece durante um torneio em Salisbury, em que o rei se disfarça para competir em um torneio para, dali, escolher dois cavaleiros que o acompanharão na cruzada. Ricardo entra em combate com três disfarces: uma armadura negra, uma armadura vermelha, e uma armadura branca com uma cruz vermelha em seu ombro. Trata-se de uma narrativa ficcional, mas que não deve ser diminuída quanto a sua relevância pois ela contribui para a associação do personagem com o signo em questão.

³ Ainda que a própria historiografia do período fosse bastante crítica a ele, taxando-o de mal governante, fanático religioso, pessoa movida por paixões, entre outros argumentos.

⁴ Link para a pintura: < <https://pt.wahooart.com/@/9DHPF6-Abraham-Cooper-Richard-I-na-batalha-de-Ascolan> >.

⁵ Link para a pintura: < https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Loutherbourg-Richard_Coeur_de_Lion_%C3%A0_la_bataille_de_Saint-Jean_d%27Acre.jpg >.

⁶ Link para a pintura: < <https://artuk.org/discover/artworks/robin-hood-and-his-merry-men-entertaining-richard-the-lionheart-in-sherwood-forest-46882> >.

4. CONCLUSÕES

Ricardo Coração de Leão é decerto um dos personagens medievais mais ambivalentes e problemáticos que temos notícia. Sua história suscita paixões entre pesquisadores, artistas e curiosos há séculos, e as lendas construídas em torno de sua persona contribuíram para aumentar sua reputação, mesmo em momentos em que o historiadores profissionais não o consideravam um grande exemplo a ser exaltada como governante.

No século XIX, em particular entre as décadas de 1820 e 1860, sua presença na cultura se torna cada vez maior, a ponto de se tornar um ícone cultural, com presença expressiva na poesia, nos romances, no teatros e na cultura visual da época. A criação de uma estética “padrão” para o personagem, em que se destaca a túnica com a bandeira da Inglaterra, reforça seu vínculo com o país, o que pode ser entendido como uma das muitas formas de fabricação-manipulação do passado para fins (nem sempre conscientes, mas não por isso irrelevantes) de exaltação de um ideal nacionalista.

Com base na arqueologia da imagem, percebemos que um mito historiográfico (de que Ricardo I teria estabelecido o culto a São Jorge na Inglaterra) pode ter sido um dos fatores que ajudaram indiretamente para a criação desta imagem “canônica” do personagem, assim como o romance medieval *Coer de Lyon*, em que o monarca utiliza vestimenta semelhante.

Ícones culturais nos ajudam a entender a cultura humana no tempo. A transformação de um rei medieval em um ícone cultural diz muito sobre as diferentes interpretações que os britânicos tinham acerca de seu passado durante o oitocentos. Apesar da historiografia da época não tê-lo como um modelo virtuoso, a classe artística possuía outras percepções, mais positivas, acerca do monarca, o que contribuiu para sua popularização. Nesse emaranhado de discursos produzidos acerca do rei medieval, uma coisa é certa: a história é sempre um campo de disputa, e as artes (tanto quanto, ou até mais do que história, realizada com métodos e rigor científico) pode criar impressões muito vivazes e duradouras acerca do passado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MATHEW, David. **Medievalism**: A Critical Review. Cambridge: Boydell and Bryer, 2015.
- DAWSON, Graham. **Soldier Heroes**: British Adventure, Empire and the Imagining of Masculinities. New York: Routledge, 1994.
- ALDROVANDI, Cibele Elisa Viegas. A Imagética Pretérita: Perspectivas Teóricas sobre a Arqueologia da Imagem. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, v. __, nº 19, 2009, p. 43.
- TOMASELLI, Keyan G.; SCOTT, David H. T. **Cultural Icons**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2009.
- PARKER, Joanne. **‘England’s Darling’**: The Victorian Cult of Alfred the Great. Manchester: Manchester University Press, 2007.
- BRYDEN, Inga. Arthur as Artefact: concretizing the Fictions of the Past. **Journal of Theoretical Humanities**, ___, V.1, N. 3, p. 149 – 158.
- BOVEN, Erika Van; Winkler, Marieke. **The Construction and Dynamics of Cultural Icons**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2021.